

MITOS E CONTOS POPULARES DA VIDA AMAZÔNICA

Admarino Gonçalves de Matos Júnior¹

RESUMO:

Este texto busca analisar o imaginário mítico da vida amazônica, manifestação de crenças e costumes. O trabalho será feito através dos escritos de José Veríssimo Dias de Mattos e de outros historiadores contemporâneos da Amazônia para a compreensão da importância e mistério do imaginário simbólico mágico da vida amazônica como componente social.

PALAVRAS-CHAVE: Mitos. Imaginário amazônico. Elemento simbólico.

¹ Graduando em Licenciatura Plena e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Pará.

INTRODUÇÃO

O imaginário das manifestações de crenças e costumes, mitos existencialistas, contribuíram para o estabelecimento da compreensão do mundo mágico que são parte dos fenômenos naturais e sobrenaturais que permeiam a floresta e o modo de vida na Amazônia. Seres mitológicos que povoam florestas e rios da imensa diversidade amazônica são cenários vivos da relação homem e natureza.

Assim é a identidade dos povos da Amazônia, recheada de valores originários que constituem uma tradição genuinamente cabocla, narrada por ancestrais em linguagem cotidiana que persiste e ultrapassa barreiras históricas ditadas pelo tempo.

Sendo que neste texto, esse imaginário será analisado através dos escritos de José Veríssimo Dias de Mattos que escreveu sobre o modo de vida amazônico nas obras *Scenas da vida amazônica* e *Estudos brasileiros*. Neste ultimo, será trabalhado apenas o capítulo intitulado “O conto Popular.”

Por conseguinte, trataremos de fazer possíveis adições e contrapontos com as obras da historiadora Benedita Celeste Moraes Pinto e da autora Priscila Faulhaber, dentre outros autores, para então fazer o debate historiográfico amazônico no que concerne o modo de vida através o imaginário popular na Amazônia.

O IMAGINÁRIO MÍTICO DA AMAZÔNIA

A região amazônica convive com uma imagem sobre ela idealizada, muitas das vezes distante de sua realidade por conta do imaginário que é construído sob ela. Temos uma Amazônia múltipla se seu território, Amazônia de recursos naturais em biodiversidade. É preciso penetrar na Amazônia para se deparar com suas reais riquezas, sua cultura e seus povos. E no meio destes que se constitui um grande imaginário que permeiam suas vidas e seu convívio com os demais povos. Assim, o imaginário amazônico apresenta multifaces em suas manifestações. A sua esfera é imensamente rica e cheia de encantos e magias.

Na cultura amazônica predomina o imaginário presente na identidade dos habitantes, são produtos da acumulação de experiências vividas em seu meio social. Assim, através de sua história de vida, o seu modo, a forma como convive permite o relato de experiência de vida trazida de geração para geração sofrendo ao longo do tempo suas devidas transformações.

Em primeiro lugar, a magia e o encantamento fazem parte de toda cultura amazônica, estão fortemente presentes no pensamento social dessa região, principalmente em relação à construção do imaginário simbólico através dos mitos e contos passados pelas gerações.

Em segundo lugar, neste universo, o imaginário mítico da cultura dos habitantes da Amazônia foi descrito por cronistas que tiveram contato com os nativos. O padre João Daniel, na Amazônia do século XVIII, não fugiu à regra. Sua obra *Tesouro Descoberto no Rio Amazonas*, revela com riqueza de detalhes a organização e o funcionamento das missões religiosas, os hábitos e costumes das populações indígenas locais e expressa a ideologia jesuítica que preside as formas de pensar e agir do autor².

Na região amazônica é comum encontrar contos populares ou narrativos fantásticas que permeiam o imaginário social. Haja vista que o conto oral é uma construção do imaginário simbólico e social manifestadas nas expressões orais da coletividade de cada povo (ARAÚJO, 2002).

Dessa forma, paisagem composta por rios e florestas significa para o amazônida, portanto, não apenas o espaço de vida e trabalho num cotidiano repetitivo, mas também o elemento mediador de uma ligação com o maravilhoso e com o fantástico.

Dessas paisagens emergem todo um mundo encantado que habita nas regiões para conviverem com o caboclo ou com o homem citadino, numa permanente unidade que se entrelaçam. Assim, segundo Maria do Socorro Simões “a narrativa mítica, enquanto forma de discurso proferido, encontra-se diretamente associada à categoria de performance, a partir da qual o mito deve ser entendido como cultural e socialmente contextualizado.”

² VER ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Um Tesouro Descoberto: Imagens do Índio na Obra de João Daniel. 1995. p 2.

O CONTO POPULAR NA VISÃO DE JOSÉ VERÍSSIMO

O Imaginário popular amazônico foi tratado por José Veríssimo Dias de Mattos que desenvolveu suas atividades literárias na imprensa paraense, foi colaborador em jornais como *O Diário do Gram-Pará*, *A Província do Pará*, *O Comércio do Pará* e *A República*, fundando posteriormente, *A Gazeta do norte*.

Em 1883 criou a Revista Amazônica, na qual reuniu estudos e textos de literatura produzidos por intelectuais locais. De acordo com o Historiador José Maia de Bezerra neto, Veríssimo também se inseriu nas questões educacionais, sendo em 1890, nomeado Diretor da Instrução Pública do Estado do Pará.

Porém, neste texto, o aspecto principal é verificar a contribuição que José Veríssimo destinou a Historiografia amazônica. Haja vista que, escreveu obras etnográficas sobre a Amazônia como seus livros *Primeiras Páginas* (1878); *Scenas da Vida Amazônica* (1886) e a série *Estudos Brasileiros* (1877/1885), dentre outras obras³.

No entanto, as obras de José Veríssimo utilizadas na composição deste texto para a análise do imaginário amazônico, serão *Scenas da Vida Amazônica* e a série *Estudos Brasileiros*. Neste último farei uso apenas do capítulo intitulado "O conto Popular" que foi pesquisado e encontrado na sessão de obras raras da Universidade Federal do Pará.

Neste capítulo, "o conto popular", Veríssimo afirma que uma das formas mais notável e importante que se manifesta o imaginário popular amazônico: é o conto. Os contos e mitos são passados por gerações e representam parte da cultura de um povo. Isso, para Veríssimo é a garantia da própria cultura do povo, além de se perpetuar e mantê-la viva ao longo das gerações. Pois, histórias aparentemente bobas possuem uma série de significados importantes.

Desde crianças ouvimos histórias ditas da carochinha. Mal sabíamos nós que ouvíamos as primeiras manifestações da arte primitiva, das tradições teológicas desde os tempos

³ NETO, José Maia de Bezerra. Os males de nossa Origem: O Passado colonial através de José Veríssimo, 2002. P. 40.

remotos da historia da humanidade(...) O mytho e o conto popular que os povos primitivos simbolizavam os animais com a força, o poder, o valor, a astúcia. Que os mais severos e perfeitos estudos de dia a dia mais reforçam, verificam-se também entre o nosso gentio nos mythos do Jabuti e da Mucura principalmente e nas lendas que nos legaram os selvagens. (VERÍSSIMO, 1885, p. 17)

Os contos têm suas diversas expressões no seu processo de transmissão, as formas e o interesse do narrador-transmissor preservam na oralidade a permanência dos usos e costumes de um determinado povo. E através da tradição da oralidade que os povos mantêm viva sua cultura, magia, regras, mitos por longos tempos.

O conto popular brasileiro tem, pois, um antepassado indígena, ou antes é um mito indígena transmittido através das gerações, ganhando no seu caminhar um ou outro episódio, uma ou outra frase, um ou outros pensamento. A mythologia da Família Tupy-Guarany, forneceu ricos e poderosos elementos para o nosso conto, na mãe d'água, no matim-taperê, no saci-sererê, Mboitatá, no curupira e em mil e outras de suas figuras. (VERÍSSIMO, 1885, p. 20)

Nessas assertivas de Veríssimo, observa-se a sua atribuição e importância para a contribuição do antepassado indígena na transmissão de seus mitos como componente do modo de vida dos povos que habitam na região amazônica. Entende-se que os costumes, mesmo sofrendo alterações ao longo do tempo, ainda permanecem devido o processo que as narrativas vão sofrendo através da oralidade do povo.

ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA VIDA AMAZÔNICA

Por outro lado, seguindo as assertivas semelhantes dos escritos de José Veríssimo, a historiadora Benedita Celeste de Moraes Pinto em seu texto intitulado “Práticas e Saberes dos filhos das matas e as malinezas dos encantados na região do Tocantins, no Pará” discute a importância e

significância das parteiras e benzedoras como “mulheres mágicas” vista pela população.

Pois, estas mulheres possuem ligações vitais com a natureza que acaba entrelaçando todo o povo por um imaginário marcado por diversos fenômenos naturais e sobrenaturais. Esta ligação com a natureza pode ser observado no seguinte trecho:

Na região amazônica, o rio é um grande olho que observa o céu e que também nos olha. Por detrás do olho do rio. Há um mundo de mitos, lendas, encantarias. O rio torna-se uma coisa viva da qual tudo pode vir, como de tudo que é vivo, de tudo o que tem vida. A floresta esconde olhos que espreitam, que perscrutam, que vigiam(...) São destes olhos ocultos dos rios e das matas, homens, crianças(...) (MORAES PINTO, 2006. p.60)

Além disso, na relação simbólica com a natureza, podemos observar elementos encantados míticos que são caracterizados de natureza maligna para a população. De acordo com Benedita Celeste, os mais temidos entre a população amazônica são O Boto, a Mãe d'água, a anhangá, a cobra e outros. Sendo que o homem despreparado, que não reza, não pede proteção, torna-se presa fácil para vários encantados.

Diante disso, podemos observar duas coisas distintas. A primeira diz respeito à veracidade dos fatos que o povo amazônico atribui a esses elementos míticos e mágicos, também, a sua aceitação como componente social. A segunda questão refere-se a não aceitação destes elementos simbólicos amazônicos por alguns homens que habitam ambientes urbanos, colocando em dúvida a veracidade do imaginário que são ligados a região.

Neste ponto, basta entender que os elementos simbólicos são frutos de uma cultura que está diretamente ligada aos elementos urbanos também. O que deve ser frisado é o fato de buscar manter certa alteridade no que concerne a análise destes elementos.

Nesta mesma perspectiva, temos a afirmativa de Priscila Faulhaber⁴ que observa os seres mágicos da floresta amazônica como mediadores das relações dos homens, “as relações sociais, sob este prisma, são vistas em relação com o meio natural, mas sob influência do sobrenatural.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Região Amazônica tem um passado e presente recheado de mitos, contos, lendas e credices. Uma tradição cultural que nos leva a imaginar uma interpretação mitológica de sua trajetória, alicerçada em palavras de verdades, meias verdades e, em alguns casos, apoiada em bases falsas, sem nenhuma sustentação.

Alguns desses mitos, no correr do tempo, vieram a se transformar em formas diferenciadas por sofrerem suas transformações. No entanto, é inegável que o povo que vive na floresta ainda vive intensamente a realidade dos seres mágicos que permeiam suas vidas em vários setores.

Desde os cronistas que passaram pela região nos séculos XVII, XVIII e XIX e, também, aqueles que exploram a região na contemporaneidade, como alguns historiadores, etnógrafos, dentre outros, observam ainda o elemento forte das questões mágicas míticas da região. E pensar que isso é fruto da realidade social de um povo, é acima de tudo, entender seus modos de vida e de relação com a natureza. Assim, passaremos a escrever sob a ótica e vivência partindo das especificidades de cada povo, passando a entender uma história que é dinâmica e multifacetada.

⁴ É pesquisadora titular III do Museu de Astronomia e Ciências Afins e Pesquisador Associado do Museu Paraense Emílio Goeldi, onde atua como Editor Associado do Boletim de Ciências Humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Um Tesouro Descoberto:Imagens do Índio na Obra de João Daniel, 1995.

FAULHABER, Priscila. *Cidades assentadas, Cobra Norato e outras Visagens.*

NETO, José Maia de Bezerra. *Os males de nossa Origem: O Passado colonial através de José Veríssimo*, 2002.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Práticas e Saberes dos filhos das matas e as malinezas dos encantados na região do Tocantins, no Pará*, 2006.

SIMÕES, Maria do Socorro. *Narrativas da Amazônia Paraense.*

VERÍSSIMO, José. *Estudos brasileiros (1877-1885)*. [Belém]: Editores - Tavares Cardoso & C.a, 1889.

_____. *Cenas da vida amazônica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1957.